

MÍDIA, LITERATURA E ADAPTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O POEMA GAÚ-CHÊ-RAMA-URA, DE ZULMIRO LINO LERMEN

MEDIA, LITERATURE AND ADAPTATION: CONSIDERATIONS ABOUT THE POEM GAÚ-CHÊ-RAMA-URA, BY ZULMIRO LINO LERMEN

Letícia Lima¹
email@email.com

Resumo: Este artigo objetiva investigar, por meio de uma análise comparativa, a adaptação do poema épico *Gaú-chê-rama-ura*, do escritor caxiense Zulmiro Lino Lermen, para a publicação no *Jornal Pioneiro* entre os anos de 1967 e 1968. O texto original difere do publicado no periódico por diversas características, desde o número de estrofes até o conteúdo nelas presente, constituindo-se quase como dois textos completamente distintos. A fim de comparar essas duas versões do poema, o presente trabalho divide-se em quatro partes. Primeiramente, a título de considerações iniciais, apresentam-se, brevemente, detalhes sobre o autor e a obra ora em análise. Em seguida, realiza-se um levantamento acerca do surgimento do romance de folhetim e sua repercussão na literatura brasileira. Na sequência, reflete-se acerca da adaptação de textos literários para a circulação na mídia impressa, analisando esse movimento no texto ora em pauta. Por fim, a título de considerações finais, retomam-se as ideias principais trazidas ao longo do texto, de modo a compreender em que medida podem ser relacionadas ao poema investigado.

Palavras-chave: *Gaú-chê-rama-ura*. Literatura. Adaptação.

Abstract: This paper aims to investigate, by means of a comparative analysis, the adaptation of the epic poem *Gaú-chê-rama-ura*, by the Caxiense writer Zulmiro Lino Lermen, for publication in the *Pioneiro Newspaper* between 1967 and 1968. The original text differs from that published in the journal by numerous characteristics, from the number of stanzas to the content present in them, constituting almost two completely different texts. In order to compare these two versions of the poem, the present work is divided into four parts. First, by way of initial considerations, it details about the author and the work currently under analysis are briefly presented. Next, a survey is conducted about the emergence of the novel of serial and its repercussion in Brazilian literature. In the sequence, it reflects on the adaptation of literary texts for circulation in the printed media, analyzing this movement in the text now in question. Finally, as final considerations, the main ideas brought throughout the text are taken up in order to understand the extent to which they can be related to the poem investigated.

Keywords: *Gaú-chê-rama-ura*. Literature. Adaptation.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Sesi/RS, polo Porto Alegre. Mestra em Letras e Cultura (Bolsista PROSUC/CAPES) pela Universidade de Caxias do Sul (2020). Licenciada em Letras Português pela Universidade de Caxias do Sul (2018).

1 Considerações iniciais

Zulmiro Lino Lermen (1917-1997) foi um escritor, pesquisador e professor caxiense que, durante o tempo em que atuou como literato,² publicou mais de vinte títulos – que vão desde poematos até dicionários de línguas estrangeiras. Muito embora o autor tenha figurado como um importante intelectual na cidade de Caxias do Sul, contribuindo com a fundação da Academia Caxiense de Letras, em 1962, deixando um vasto conjunto de obras e tendo sido homenageado como patrono da VIII Feira do Livro de Caxias do Sul, em 1991, tanto ele quanto sua obra foram, de certa forma, relegados ao esquecimento na história da literatura sul-rio-grandense, o que pode ser comprovado a partir de uma breve busca por informações acerca do escritor, que revela uma quase total inexistência de dados publicados.

O texto objeto de análise do presente artigo, a saber, *Gaú-chê-rama-ura*, de Lermen, trata-se de um poema épico que narra a história do Rio Grande do Sul e que circulou semanalmente no *Jornal Pioneiro*, de Caxias do Sul, RS, entre os anos de 1967 e 1968. A publicação seguiu o estilo dos folhetins, no sentido de que, em decorrência do volume do poema, as estrofes eram publicadas esparsamente em cada edição do jornal.³ Todavia, ressalta-se que o texto não era publicado nas notas de rodapé do periódico, mas, sim, nas páginas, lado a lado com outros textos, literários ou não.

O referido poema foi descoberto por meio de uma pesquisa no *Jornal Pioneiro*, um dos periódicos que compunham o *corpus* de análise do Projeto de Pesquisa intitulado *LIBRO-3: Uma História da Leitura e da Literatura na Serra Gaúcha (1897-1967)*, coordenado pelo Professor Doutor João Claudio Arendt, da Universidade de Caxias do Sul. Posteriormente, a partir de um contato estabelecido com a família de Lermen, tomou-se conhecimento acerca da existência de um manuscrito do poema, que se constitui na versão completa do texto e que difere do publicado no jornal tanto pelo número de estrofes – sendo o manuscrito composto por um total de 779 estrofes, ao passo que a versão do *Pioneiro* apresenta cerca de 180 estrofes suprimidas – quanto pelo conteúdo apresentado.

Essa espécie de recorte na versão publicada no jornal, sempre acompanhada de notas explicativas, acredita-se, revela um desejo por parte do poeta de publicar a versão completa do texto.⁴ Além disso, essa ideia também pode ser sugerida a partir da leitura da versão desse

² Pouco mais de quarenta anos (1942-1986, aproximadamente).

³ Essas estrofes a que se refere podem ser localizadas no *site* do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/15>. Acesso em: 1º jul. 2021.

⁴ O que de fato aconteceu. Em 1971, o texto foi convertido em prosa e publicado como romance, sob o título *O grande sul*.

poema, com as partes recortadas do jornal e coladas sobre um exemplar da obra *Seara vermelha*, de Jorge Amado,⁵ encontrada na Biblioteca Pública Dr. Demétrio Niederauer, de Caxias do Sul, que acompanha uma anotação feita à mão que indica que o poema teria sido encaminhado para um editor para posterior publicação em livro.

Com vistas a essas considerações, o presente trabalho objetiva investigar, por meio de uma análise comparativa das duas versões do poema, o processo de adaptação do manuscrito para a publicação no *Jornal Pioneiro*.

2 Literatura em circulação: o papel da mídia impressa na era dos folhetins

Mídia e literatura têm estado relacionadas há séculos e essa relação tem sido discutida nos mais diversos níveis, especialmente no que diz respeito à adaptação de textos literários para a circulação nos meios midiáticos, sejam eles impressos, sejam digitais. Nesse sentido, é possível pensar sobre a atuação de revistas, jornais e do rádio como meios de circulação e divulgação de textos literários, a que servem de exemplo o sucesso dos romances-folhetim no século XIX e episódios como o ocorrido a partir da transmissão do roteiro de *A guerra dos mundos*, pelo rádio, em 1938, que não só marcou uma nova percepção acerca do alcance da mídia no mundo ocidental como também trouxe a lume considerações sobre o poder de persuasão do texto literário e sua interpretação (MEDITSCH, 1998).

De acordo com Marlyse Meyer (2006), o folhetim teve origem na França e de lá se espalhou por vários países, conforme a expansão daquele que então se denominava o grande veículo do espírito moderno, a saber, o jornal. Inicialmente, consoante a autora, *le feuilleton* designava um lugar específico no jornal: a nota de rodapé, geralmente na primeira página, e “tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento” (MEYER, 2006, p. 57). Nascido como subterfúgio para os leitores frente à censura implantada por Napoleão Bonaparte, que temia o poder persuasivo da imprensa, o folhetim foi pouco a pouco ganhando relevância na mídia impressa. No espaço do “vale-tudo”, como o define Meyer (2006, p. 57), ao lado de críticas literárias, piadas e receitas culinárias, a narrativa ficcional – então na crista da onda – ganhou destaque na modalidade inglesa de publicações em série, de acordo com a extensão do texto e a quantidade de colunas das páginas do jornal.

⁵ Acredita-se que o trabalho tenha sido realizado pelo próprio poeta, tendo em vista que se tem conhecimento de que era um hábito do escritor recortar dos jornais textos de sua autoria ou sobre ele e colar sobre as páginas de algum livro.

Com o sucesso vertiginoso da modalidade de texto que viria a ser conhecida como romance-folhetim, esse espaço das notas de rodapé, de que antes se nutriam essas publicações esparsas, passa a ser fonte de consumo, por parte dos leitores, angariando cada vez mais assinantes, e de lucro, por parte dos editores, que cada vez mais percebiam as vantagens financeiras desse novo empreendimento. Consoante Meyer (2006, p. 59),

brotou assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance: o indigitado, nefando, perigoso, muito amado, indispensável folhetim “folhetinesco” de Eugène Sue, Alexandre Dumas pai, Soulié, Paul Féval, Ponsodu Terrail, Montépin etc. etc.

O romance rocambolesco, em suma, para lembrar o nome de uma de suas mais ilustres criaturas. Com toda a carga pejorativa associada a ele e, por extensão, à palavra. Mas isso não assusta os jornais, qualquer que seja a sua cor política: aderem todos à novidade que pode, quando agrada, provocar uma explosão de assinaturas; numa verdadeira guerra, disputam o preço de ouro dos melhores folhetinistas.

Percebe-se, com base nessas informações, que o sucesso dos folhetins, além de ultrapassar barreiras políticas – de modo que mesmo os jornais mais conservadores não se excluía da publicação de romances-folhetim –, também estava relacionado ao fator econômico e financeiro, tendo em vista que os editores dos jornais passaram a enxergar no folhetim uma possibilidade de atrair um número maior de leitores assinantes. Dessa espécie de “literatura industrial” (MEYER, 2006, p. 59) surgiria, segundo Antonio Candido, uma frutuosa aliança,

[...] que atendia às necessidades de composição criadas pelas expectativas do autor, do editor e do leitor, todos os três interessados diretamente em que a história fosse a mais longa possível: o primeiro, pela remuneração, o segundo, pela venda, o terceiro, pelo prolongamento da emoção. (CANDIDO [1964?] *apud* MEYER, 1996, p. 68).

Além disso, outro ponto que se convém sublinhar em relação ao folhetim diz respeito à adaptação dos textos. Afirmar Meyer (2006, p. 59) que, com a positiva repercussão do gênero no jornal, foi necessária a criação de um romance *ad hoc*, isto é, um romance que correspondesse a essa nova fórmula de fazer literatura, adaptando-se às “novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando”. Ademais, a autora chama a atenção para o fato de que esse tipo de publicação, esparsa e barateada, nas notas de rodapé dos jornais, facilitava o acesso à divulgação de autores, jovens ou não.

O folhetim chegou ao Brasil em 1838, quando sua fórmula já estava então bem definida. De acordo com Meyer (2006), muito embora na década de 1840 já se comessem a anunciar romances-folhetim de escritores brasileiros, como *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, em 1844, nessa época, o jornal se preparava para acolher o folhetim francês, o

que viria a coincidir com um “progressivo alargamento e atualização do consumo de ficção” (MEYER, 2006, p. 282). A autora chega a apontar que alguns jornais, como o *Jornal do Comércio*, então um dos mais importantes veículos midiáticos do Rio de Janeiro, anunciavam melhoramentos em suas edições, como o aumento do formato das folhas, a contratação dos melhores redatores e mesmo uma edição aos domingos, a fim de se adaptar ao crescimento da circulação do jornal e atender à demanda por traduções diárias dos romances-folhetim vindos da França.

O sucesso do romance-folhetim, no Brasil, também movimentou o mercado editorial de livros, tendo em vista que, além do interesse pelas publicações esparsas, que atraíam um maior número de leitores assinantes dos jornais, esses mesmos romances eram posteriormente publicados em volumes. A partir desse movimento, deu-se início à constituição de “uma clientela para os livreiros e gabinetes de leitura, cada vez mais numerosos. É a época em que se firmam Laemmert [...], Garnier, ao lado dos antigos Albino Jordão, Cremière etc.” (MEYER, 2006, p. 292). Além disso, afirma a autora que o fenômeno se estendeu por todos os jornais da Corte, o que seria um indício da correlação entre a prosperidade do jornal e o folhetim, de modo que a publicação do folhetim parecia ter se tornado imprescindível à vida do próprio jornal, confirmando a relação entre mídia e literatura trazida no início desta argumentação.

Muito embora na década de 1960 os folhetins já estivessem extintos, isso não foi empecilho para a publicação do poema *Gaú-chê-rama-ura*, do escritor caxiense Zulmiro Lino Lermen, no período de quase dois anos, nas folhas do *Jornal Pioneiro*, ainda que não no espaço das notas de rodapé. Nesse sentido, cabe também salientar a relevância da atuação dos jornais de Caxias do Sul nesse recorte temporal. A pesquisadora Aline Brustulin Cecchin (2014) revela que os periódicos que circulavam na cidade exerciam papel importante no cenário literário caxiense. Além de anunciarem concursos literários realizados à época, também traziam notícias sobre o andamento, o número de inscritos, escritores participantes e as datas de divulgação dos vencedores e de entrega dos prêmios. Esses veículos também atuavam como meio de circulação de textos literários, em especial o *Jornal Pioneiro*, que contava com publicações de pequenos contos, crônicas, sonetos e poemas, de diversos autores, semanalmente, de que é exemplo o poema *Gaú-chê-rama-ura*, cuja adaptação passa-se agora a analisar.

3 *Gaú-chê-rama-ura*: uma adaptação

A adaptação, como já se pontuou na seção anterior, foi de grande relevância para o sucesso dos romances-folhetim publicados nos jornais no século XIX. Em verdade, não seria exagero afirmar que a questão da adaptação se constitui como uma constante quando se pensa a relação entre mídia e literatura.

Comentou-se anteriormente, a título de exemplo, o episódio ocorrido após a transmissão, via rádio, do roteiro de *A guerra dos mundos*, ficção científica de Herbert George Wells publicada pela primeira vez entre abril e novembro de 1897, em folhetim, na revista inglesa *Pearson's Magazine* (MEDITSCH, 1998). Esse acontecimento, semelhante ao romance-folhetim, é importante também para pensar a respeito da adaptação do texto literário e da atuação da imprensa em sua divulgação. É verdade que *A guerra dos mundos* marcou o surgimento de um novo gênero dentro da literatura, a saber, a ficção científica, tendo se tornado um sucesso já quando de sua publicação em livro. Todavia, foi com a adaptação do texto, realizada por Howard Koch, e divulgada por Orson Welles, para o rádio, quatro décadas depois do lançamento da obra de Wells, que se colocou em evidência a dimensão que a literatura e a mídia eram capazes de atingir na modernidade.

Eduardo Meditsch (1998, p. 2) afirma que o trabalho de adaptação do texto realizado por Koch, em 1938, foi tão relevante que, mais do que uma adaptação, trata-se de uma “recriação do livro, aproximando a estória – no tempo e no espaço – do cotidiano dos ouvintes”. Decorrente disso – e aliada à interpretação de Welles –, surgiu a constituição do fenômeno ocorrido a partir da transmissão do roteiro, novamente corroborando a ideia da relação entre mídia e literatura mediada pela adaptação textual.

Voltando-se à publicação de *Gaú-chê-rama-ura* no *Jornal Pioneiro*, entre abril de 1967 e outubro de 1968, é possível pensar, de início, os motivos que levaram o poeta e os editores do jornal a realizarem essa publicação esparsa. O primeiro deles, evidentemente, está ligado ao fato de se tratar de um poema épico, composto por 779 estrofes e mais de cinco mil versos, o que impossibilitaria sua publicação em um único exemplar do *Pioneiro*, ou mesmo em um período de tempo mais curto, tendo em vista que o jornal concedia uma coluna, às vezes não inteira, à publicação das estrofes.

O segundo estaria relacionado à posterior publicação do texto em livro, que, curiosamente, foi editado em prosa, constituindo-se em um romance, intitulado *O grande sul* (1971), mesmo que mantendo algumas características do poema épico, como o decassílabo heroico, por exemplo. Uma possível conclusão seria a de que as publicações esparsas das

estrofes teriam servido como uma espécie de termômetro para o poeta, a fim de descobrir se um poema épico sobre a história do Rio Grande do Sul teria uma boa recepção e aceitação por parte do público leitor da cidade de Caxias do Sul do fim da década de 1960.

Em relação ao corpo editorial do *Pioneiro*, primeiramente, é preciso pontuar, conforme já exposto anteriormente, que o jornal funcionava como veículo de circulação de diversos textos literários de autores distintos, sendo Lermen um de seus colaboradores mais assíduos, ao lado de outros escritores caxienses, tais como Cyro de Lavra Pinto,⁶ Lydia Mombelli da Fonseca, Douglas Maloch, Acimar Kastro, Nicolau Klinger e Ana Maria Cilaghi (CECCHIN, 2014). Ademais, dessa informação também é possível inferir que Lermen já tinha certa relação com os editores do periódico, o que pode ter facilitado seu acesso à publicação de um texto de tamanho volume, mesmo que “fatiado”, para usar uma expressão de Meyer (2006), ao se referir aos folhetins.

Ao observar a estrutura das duas versões de *Gaú-chê-rama-ura*, o primeiro ponto que se destaca é em relação à quantidade de estrofes. Sabe-se, conforme já apresentado, que o manuscrito do poema se constitui de 779 estrofes. Todavia, a versão do texto publicada no *Jornal Pioneiro* apresenta alguns recortes ao longo da narrativa, que contabilizam cerca de 180 estrofes a menos em relação ao manuscrito. Além disso, essas omissões de estrofes, que ocorrem duas vezes, são acompanhadas de uma nota explicativa⁷ que dá notícia sobre os temas que são abordados nas estrofes omitidas. É curioso observar que essas duas omissões seguidas de nota ocorrem na mesma edição do jornal, que marca o final da narrativa, a saber, a edição de 12 de outubro de 1968, em que se lê, após a estrofe 491:

Nota: e continua o poema descrevendo
narrando e ritmando os nossos fatos,
a nossa história, nossa poesia,
até os nossos tempos atuais.
Dezenas de estâncias alargadas
descrevem nossas vilas e cidades; (LERMEN, 1968, p. 12).

Após essa nota, há um salto de sessenta estrofes, sendo o poema retomado na estrofe 551, que é seguida da outra nota que aponta a omissão, em que se lê:

Nota: e em mais de trinta estâncias
seguindo vai estudo científico
da origem e evolução do nosso idioma
formando um poema para espíritos
que Creem no Criador e suas criaturas...

⁶ Apenas a título de exemplo, em trabalho realizado no projeto de pesquisa “Uma história da leitura e da literatura na Serra Gaúcha (1897-1967)”, concluiu-se que, somente entre os anos de 1951 e 1960, o poeta publicou cerca de 330 poemas, e sabemos que não parou de publicar na década de 1960.

⁷ Não se tem conhecimento se de autoria do próprio poeta ou do corpo editorial, embora se acredite que seja de responsabilidade do primeiro.

Termina assim Gaú-chê-rama-ura: (LERMEN, 1968, p. 12).

Na sequência, a próxima estrofe apresentada é a de número 774 e segue até a 777, que marca o fim do poema⁸ – inclusive acompanhado da palavra “FIM”, grafada em caixa alta. Observe-se, ainda nesse sentido, a nota que é inserida depois da estrofe 777 no jornal:

NOTA:

Prezado leitor amigo.

A ti, que me acompanhas, já há dois anos, nesta jornada literária, envio’o meu abraço de despedida. Alcancei meu objetivo em demonstrar algo da vastidão de Gaú-chê-rama-ura que o amigo poderá, em tempo, saborear no seu integral.

Agradeço à Direção de “Pioneiro”, o jornal dos caxienses, por haver abrigado em suas colunas estas mortas vozes vivas do nosso Rio Grande. (LERMEN, 1968, p. 12).

Com base nessa última comunicação do poeta para com o público leitor, fica explícito o desejo de uma publicação posterior do texto na íntegra, revelando que os recortes estariam mais relacionados a esse fator do que a qualquer outro – como a falta de interesse do leitor, do periódico ou mesmo do poeta em dar continuidade às publicações, por exemplo. Além disso, o poeta revela que o objetivo era apenas compartilhar parte de seu projeto literário, e não de esgotá-lo nas páginas do jornal, justificando, de certo modo, a adaptação realizada.

No entanto, além da adaptação no que diz respeito à estrutura, isto é, a seleção do número de estrofes em cada edição, bem como as omissões e suas respectivas notas, há, também, adaptações do conteúdo, tão diferente do manuscrito que seria mesmo possível afirmar que se tratam de dois textos quase que completamente distintos, lembrando a afirmativa de Meditsch (1998) acerca da adaptação de *A guerra dos mundos* por Koch (1938). Observem-se, a título de exemplo, a primeira estrofe do manuscrito e a primeira estrofe da versão publicada no *Jornal Pioneiro*, em 15 de abril de 1967, respectivamente:

1. Eu sou a Ura, Poiesis criador,
cantando na aurora da criação,
lampeando azulada e em palor
na virgem luz em sua formação. (LERMEN, [196-], não paginado).

1. Escuta, irmão gaúcho, em tua ternura
O nome de tua terra e tua canção.
Escuta o minuano em sua bravura...
Escuta a funda voz na escuridão...
Escuta o “u” noturno e a sua brandura.

⁸ Aqui, embora se encontre, em termos de estrutura, outra diferença entre as duas versões do texto (publicada no *Pioneiro* e manuscrito), a saber, o final do poema, no jornal, ocorrer na estrofe de número 777, quando o manuscrito apresenta um total de 779 estrofes, essa questão não está relacionada à adaptação do poema, mas, sim, a um equívoco cometido pelo poeta, que, no manuscrito – que também tem o final marcado pela estrofe 777 – enumera duas estrofes diferentes com o número 271 e duas com o número 671.

Escuta as várzeas, águas no escurão.
Guahú...gaú...gaú...canção tristura
Que a gente, chê, escuta e vai cantando
Co'a terra Gaúcherama nos ninando...
Escuta a poesia, a verde ura...
Escuta Gaúcherama em sua ura,
Gaú-che-rama-ura, a poesia
Da terra e gente em canto que extasia... (LERMEN, 1967, p. 7).

Na versão do manuscrito, nas estrofes que abrem o poema, mais especificamente, da primeira à décima sétima, o narrador dá voz a uma divindade, a saber, o Deus cristão. Nessas estrofes, a narrativa concentra-se na gênese do mundo, criado por essa voz que toma o papel do narrador, a fim de contar seus feitos, ressaltar sua grandeza e seu poder e descrever a beleza de sua criação. Antes de dar início a sua narrativa, o narrador principal do épico dirige-se à divindade, enaltecendo sua grandeza, em um movimento que faz lembrar os poetas gregos, quando esses pediam às deusas inspiração para escrever. Nessa versão, o narrador propõe-se à tarefa árdua de “narrar e descrever e dissertar” (LERMEN, [196-], não paginado) essa história e, para tanto, necessita da inspiração divina.

Na versão publicada no *Jornal Pioneiro*, por outro lado, é deixada de fora toda essa parte da invocação, que guarda íntima relação com a poesia épica, em especial as grandes epopeias da literatura grega, bem como a da proposição, que no manuscrito se encontra entre as estrofes 18 e 24, o que não acontece na versão adaptada. Além disso, não foi encontrada, no manuscrito, uma estrofe com o mesmo conteúdo da primeira estrofe publicada na versão do *Pioneiro*.

Ainda no que concerne à abertura do poema, na versão manuscrita de *Gaú-chê-rama-ura*, encontra-se, antes das estrofes propriamente ditas, uma breve consideração inicial, na qual o poeta desmembra o título, apresentando o significado correspondente a cada um dos termos que o compõem. *In verbis*:

Consideração sideral
Ura é a poesia criadora vivendo espaço e tempo.
Rama é a terra, a pátria, a querência.
Chê é a pessoa, a gente, o amigo, o companheiro.
Gahú é cantar sentidamente.
Gaú-chê-rama-ura é o título-querência do poema, é a poesia da terra e da gente
que canta sentidamente...
para o mundo sideral, é foi e será:
o grande sul... (LERMEN, [196-], não paginado).

Permitindo-se, aqui, uma breve comparação entre as três versões do texto, isto é, o publicado no *Jornal Pioneiro*, o manuscrito e o romance *O grande sul* (1971), sublinha-se uma curiosidade no que tange aos títulos dessas obras. A versão publicada no *Jornal Pioneiro*

é acompanhada de um subtítulo; nas entradas, lê-se: *Gaú-chê-rama-ura: a poesia da terra e da gente que canta triste*. Na versão manuscrita, esse subtítulo não é encontrado, mas, acima do título *Gaú-chê-rama-ura*, localiza-se o título *O grande sul* e, na sequência, as considerações que confirmam essa ideia de uma poesia sobre a terra e sua gente. A versão em prosa, por sua vez, também é acompanhada por um subtítulo, que, novamente, retoma o tom idealizador. Na capa, apresenta-se o seguinte título: “O grande sul... a voz dos pagos... a obra-bíblia gaúcha” (LERMEN, 1971).

Retomando a comparação entre a versão manuscrita e a publicada no *Pioneiro*, enquanto poema épico, *Gaú-chê-rama-ura* é riquíssimo no que diz respeito às pequenas digressões, isto é, às pequenas histórias que são narradas ao longo do fio condutor da história principal. E é nessa esteira que se pode constatar outro exemplo de adaptação do texto manuscrito para a circulação no *Pioneiro*. Ocorre que a versão manuscrita do poema conta com uma grande quantidade de lendas regionais que são apresentadas no decorrer da narrativa principal. Apenas para se ter uma base, podem-se citar: “A lenda da Serra do Caverá” (estrofes 238 a 249), narrada pela personagem Imembuí a seus netos; “A lenda de Ibagé” (estrofes 273 a 276), “A lenda de Imembuí” (estrofes 277 a 285), “Lendas-alma do Rio Grande” (estrofes 545 a 620), que abarca as lendas sobre o poder de proteção do umbu; a do Negrinho do Pastoreio, do surgimento da mandioca, do milho e da erva-mate e da constituição do lar; e, ainda, em tópico próprio, a lenda que circula sobre a morte de Cristóvão de Mendoza.

Ao analisar-se a versão publicada no *Jornal Pioneiro*, contudo, é localizada apenas a lenda referente à morte de Cristóvão de Mendoza. Entretanto, a título de explanação acerca da adaptação do texto, cabe sublinhar que, apesar de o conteúdo das estrofes que narram a lenda sobre o padre jesuíta ser quase o mesmo em ambos os poemas, na versão manuscrita de *Gaú-chê-rama-ura*, a lenda tem lugar entre as estrofes 131 e 147, ao passo que, na publicação no *Pioneiro*, encontra-se entre as estrofes 120 e 135, sendo constatada uma diferença entre as estrofes 144 da versão manuscrita e sua correspondente, 132, na versão adaptada. Veja-se:

144. O mártir de Ibia, em Água Azul...
Sacrário da gauchada em todo sul...
Cristóvão era santo e tropeiro,
o introdutor do gado em o sul... (LERMEN, [196-], não paginado).

132. O mártir do Ibia, em Água Azul...
Sacrário da gauchada em todo sul... (LERMEN, 1967, p. 7).

Nesse recorte, vê-se que os dois últimos versos do poema original foram suprimidos para a versão que circulou no *Jornal Pioneiro*. Essa leitura chama a atenção porque, conforme pesquisa realizada acerca da obra de Zulmiro Lermen, há indicação de que o poeta nutria um interesse especial pela vida de Cristóvão de Mendoza, tendo em vista que são de sua autoria outros poemas cuja temática acerca-se dessa personagem, a saber: “Cristóvão de Mendoza”, canto V do poema épico *Os gaúchos* (1961-1963); *Cristóvão de Mendoza: poemeto épico dramático* (1964), conforme consta no acervo da Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer, uma biografia em forma de poesia; e *Vida ideal: Cristóvão de Mendoza* (1982), também poesia, consoante o acervo da mesma Biblioteca. Além disso, no exemplar de *O grande sul* (1971) a que tivemos acesso, consta a seguinte informação, anotada à mão, por Lermen: “Nota: Vida de Cristóvão de Mendoza, Cap. 516 [?] (completo)”.

Observe-se, na sequência, o que acontece com as estrofes de número 491 do manuscrito e do jornal, respectivamente:

491. E longe, nas lonjuras da campanha,
gaúchos num bolicho em fandango
dançando vão a bela Chimarrita
que, uma vez somente ensaiada,
deixando vai guascaços de saudade,
saudade com a meiga despedida:
“Pois vou-me embora, vou-me embora,
ôi, prenda minha, tenho muito que fazer...” (LERMEN, [196-], não paginado).

491. Clarões nos céus do Grande do Rio do Sul...
chamas lambendo vão os grandes cedros...
e vozes muitas, fortes, poderosas
cantando vão cantigas ancestrais,
de longes terras, doces recordares
de tempos idos, junto às lareiras
dos pobres pais sob rude explorar... (LERMEN, 1968, p. 12).

Aqui, novamente, percebe-se que se trata de duas estrofes completamente distintas. A do manuscrito insere-se, no tempo da narrativa,⁹ durante a Revolução Federalista, e representa um momento de descontração, dando mostra de alguns hábitos e costumes tidos como tipicamente gaúchos, como a música e a dança. Essa estrofe encontra correspondente idêntica na versão do *Pioneiro*, mais especificamente na estrofe de número 459, publicada na edição de 14 de setembro de 1968, o que não causa estranhamento, haja vista que os recortes de algumas estrofes justificam essa alteração na numeração.

Já na estrofe de número 491 da versão publicada no jornal, por sua vez, a narrativa acerca-se de um tema não muito específico – ao menos fora de contexto – em que se

⁹ Conforme o Guia Histórico que acompanha essa versão e que se constitui como uma espécie de sumário dos temas abordados na narrativa.

rememoram cantigas ancestrais, longes terras e tempos longínquos, e que não encontra correspondente na versão manuscrita do poema, o que acaba por abrir espaço para demais especulações, uma vez que, além de recortar e suprimir trechos referentes ao original, o poeta também criava novos versos e estrofes especificamente para o texto publicado no jornal.

Finalmente, apenas para citar um último exemplo, tomem-se as estrofes de número 777 do manuscrito e do *Pioneiro*, respectivamente:

777. Minuano cessará bravo soprar
e cessará a voz do fundo mar...
cumpru-se a canção da eterna Ura:
– Por séculos infindos o Senhor
é rei; extintas foram as nações. (Sl. 37)
pois sóis já foram, sóis já não são mais...
luzeiros se extinguiram em o tempo,
no espaço, não mais tempo, só Deus É...
bilhões de anos já hão decorridos...
vazio absoluto e imenso...
e neste inexorável cosmos-treva
apenas o Criador, o eterno É...
por isso disse Deus: – e haja luz...
e houve luz, e houve tempo e espaço...
e sobre as grandes águas era Deus...
bilhões de anos foram, e nós fomos...
e sendo para sempre em Criador,
tão lindo foi, amigo meu, o Sul,
a vida nossa em Rio Grande do Sul,
a era de gaúcho em o tempo,
a era colonial em grandes serras,
o haver sentido sempre a canção,
canção da consciência em todo humano
cantando Deus existe, Deus nos ama...
tão lindo, em o tempo, haver cantado:
– Pois vou-me emboraa, vou-me emboraa...
tão lindo foi de Pai nos dar, em tempo,
o Rio Grande do Sul, querência-aurora
dos pagos infinitos de o Ser... (LERMEN, [196-], não paginado).

777. Aos meus irmãos do Rio Grande do Sul,
prá ti, chê, deixei apenas um gaú...
Guahú é um cantar, cantar mui triste
da terra, isto é, da nossa rama...
Guahúuú soando em ventos, vendavais,
ventaram os que foram e não são mais,
ventando os que são, não serão mais...
Só resta a Poesia, a eterna Ura,
que, Chê, a gente, canta com ternura,
e isto é Gaú-chê-rama-ura... (LERMEN, 1968, p. 12).

Percebe-se que as duas estrofes, embora tragam uma perspectiva de fechamento do poema, são completamente distintas em conteúdo e, nesse caso, de modo mais acentuado do que nos demais, também em extensão. Nesse sentido, na versão do manuscrito, percebe-se que há todo um movimento em direção ao divino cristão, que é invocado ao longo de toda a

narrativa, e de onde se destaca um caráter de agradecimento. Na estrofe que encerra o poema no *Pioneiro*, a seu turno, a voz narrativa parece voltar a atenção ao narratário, a saber, o irmão gaúcho, e o viés parece mais ligado a uma poesia lírica, subjetiva e mais voltada ao sentimento.

As comparações trazidas no decorrer dessa exposição dão conta de que, de fato, o poema intitulado *Gaú-chê-rama-ura* passou por uma série de modificações – que incluem recortes, supressões, notas, substituições e mesmo inserções – até ser publicado em formato de livro com *O grande sul*, em 1971. Tais alterações, para além da questão da adaptação, possibilitam refletir tanto sobre o trabalho de criação poética do escritor quanto sobre a circulação da literatura nos jornais, de modo geral, e no *Jornal Pioneiro* de Caxias do Sul, de modo específico, durante a década de 1960 no Brasil. Permitiram, também, um olhar sobre o mercado editorial, reiterando a ideia de que, talvez, essa publicação possa ter servido como uma espécie de indicador acerca da recepção do público em relação à obra. Embora não seja possível chegar a uma conclusão nesse sentido, as possibilidades de interpretação são muitas e abrem espaço para diversos vieses de estudo e análise, os quais não se pretendeu esgotar nestas poucas páginas.¹⁰

4 Considerações finais

Conforme explorado no decorrer do texto, mídia e literatura têm estado relacionadas há centenas de anos e, em muitos casos, a adaptação dos textos literários aparece como uma constante nessa relação, seja na mídia impressa, seja na eletrônica, seja na digital. Nesse sentido, em especial no meio impresso, reitera-se o sucesso dos folhetins, e em especial dos romances-folhetim, ao longo do século XIX. Essas publicações não só deram início a uma nova forma de escrever literatura, adaptando as narrativas em relação aos cortes, criação de suspense e reiteração das principais partes, como também movimentaram o setor econômico e financeiro dos periódicos, que passaram a enxergar na publicação dos folhetins uma oportunidade de lucro.

Com vistas a essa breve contextualização, bem como os levantamentos comparativos entre as duas versões do poema analisado, que possibilitam um pequeno vislumbre acerca das

¹⁰ Nesse sentido, podem-se citar, a título de exemplo: a possibilidade de que o público da época não estivesse interessado na publicação de obras esparsamente ou no gênero épico; o envolvimento do poeta em outros projetos que podem ter comprometido o trabalho de adaptação e publicação do poema no jornal; o interesse do periódico em encerrar a publicação a fim de dar espaço a outros textos; a sugestão da editora responsável pela publicação d'*O grande sul* (1971) em manter o conteúdo o mais inédito possível, entre outras.

semelhanças e diferenças entre elas, é possível pensar a adaptação do poema épico *Gaú-chê-rama-ura*, para a publicação no *Jornal Pioneiro*, como um processo um tanto quanto complexo. Isso porque, além das supressões e omissões em relação ao texto original, também foram constatadas criações de novas estrofes para a circulação no periódico.

Desse modo, aproxima-se dos romances-folhetim pela forma de publicação esparsa, sendo o texto adaptado em relação ao espaço concedido pelo *Jornal Pioneiro*, bem como pela posterior publicação em livro, contendo o texto na íntegra. Ademais, também fica sublinhada a importância da mídia impressa, nesse caso, representada pelo *Pioneiro*, de Caxias do Sul, para a constituição de um cenário literário, abrindo espaço para a circulação de textos literários dos mais variados gêneros.

Tendo como base o todo aqui exposto, conclui-se que o trabalho de adaptação e publicação do poema *Gaú-chê-rama-ura* no jornal *Pioneiro*, para além da constituição de dois textos diferentes, conforme já anotado anteriormente e destacado na seção 3, desvela a permanência da relação entre mídia e literatura, mediada pelo processo de adaptação textual, ao longo dos séculos e em diferentes regiões. O épico analisado figura, nesse cenário, como exemplo da perenidade da literatura em circulação nos veículos midiáticos, ao passo que o *Pioneiro* exemplifica o papel da mídia impressa na publicação da e no acesso à literatura.

Referências

CECCHIN, AlineBrustulin. **Poetas em “reunião”**: o Grupo Matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha. Orientador: João Claudio Arendt. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/849>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

LERMEN, Zulmiro Lino. **Gaú-chê-rama-ura**. Caxias do Sul: [s.n.], [196-]. [Manuscrito].

LERMEN, Zulmiro Lino. **Gaú-chê-rama-ura**: a poesia da terra e da gente que canta triste. *Jornal Pioneiro*, Caxias do Sul, 1967-1969. Disponível em: <<http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/26>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

LERMEN, Zulmiro Lino. **O grande sul**. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.

MEDITSCH, Eduardo. O pecado original da mídia: o roteiro de A guerra dos mundos. In: **A guerra dos mundos**: encontro comemorativo dos 60 anos da transmissão radiofônica. Niterói: UFF, 1998. p. 1-8.

MEYER, Marlyse. O romance-folhetim atravessa os mares. *In*: MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 281-318.

MEYER, Marlyse. Primeira fase do romance-folhetim (1836-1850): mistérios e vingança. *In*: MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 57-84.